

SINTRENSE
ATACA SISTEMA

Presidente Adriano Filipe afirma que o clube
é dos poucos que pagam os impostos

O CRIME COMPENSA

Por LUIS MATEUS

«UMA injustiça.» É desta forma que Adriano Filipe, presidente do Sintrense, qualifica o actual estado do futebol não profissional. O responsável do clube da Linha de Sintra diz-se «em dia» no que diz respeito aos pagamentos de IRS, Segurança Social e IVA e afirma estar sozinho nesta realidade. Certo é que o clube vai a caminho da III Divisão, em detrimento de outros que, não pagando, conseguem maior sucesso desportivo.

Sintra vai deixar de ter um representante na II Divisão B. O Sintrense está condenado à descida e os seus responsáveis apontam a desigualdade tributária como grande causa do fracasso desportivo. Adriano Filipe, presidente do clube, remeteu A BOLA para o artigo 2.º da Lei 28/98. «Não há futebol amador em Portugal. A lei perspectiva duas situações para os futebolistas e ambas são remuneradas. Mesmo que se estabeleça uma diferen-

ça entre dois jogadores, um dos escalões profissionais e o outro não, cada treinador tem um contrato de trabalho e, como tal, os clubes devem pagar os impostos relativos a esse empregado. Desta forma, têm de estar colectados nas Finanças, o que duvido que aconteça na larga maioria dos clubes», assegurou o presidente.

O fracasso desportivo tem relação directa com o orçamento, baixo, na opinião do responsável, devido à insis-

tência da Direcção em manter as contas em dia.

«Este clube está em dia e, como tal, não tem capacidade financeira para disputar uma Zona Sul da II Divisão B nestes moldes. É injusto. Sinto-me revoltado. Quando os clubes dizem que nada devem sinto que não é verdade. O número de contribuinte do Sintrense vem nos recibos das Finanças, o que prova que estamos colectados. Se não cumprisse estas obrigações tenho a certeza de que não descia de divisão.»

Caso Lixa

Outra situação que preocupa Adriano Filipe é o facto de poder ficar sem jogadores na próxima temporada. «Todos os futebolistas são livres segundo esta lei, que postula que os clubes devem ser indemnizados se saírem caso tenham assinado com os jogadores um

contrato de formação. A Federação ainda não regulamentou esta situação... Qualquer um pode ter um contrato de formação com um futebolista, mas este não é legal. Na época passada o jogador Lixa foi para o V. Guimarães e o Sintrense não viu dinheiro nenhum», assegurou.

Mas outras questões solicitaram a intervenção de Adriano Filipe. O dirigente sintrense já se reuniu com a Direcção da FPF e fez valer os seus pontos de vista: «Como entidade pública um clube de futebol devia ter alguns benefícios como, por exemplo, reduções no gasóleo, a exemplo do que se faz na agricultura, e na electricidade. Por que razão temos de pagar IVA da publicidade quando somos o consumidor final? Devem ser criados regulamentos desportivos e decidir o que se deve ou não pagar...»

ENGOLIU O «SAPO»

Oposição às equipas B

O Sintrense não está de acordo com a inclusão das equipas B na II Divisão B, apesar de o clube estar condenado à descida. «Tenho de engolir o sapo. Luís Duke votou favoravelmente na AG da FPF... Se queriam separar o futebol profissional do não profissional por que razão agora empurram equipas B, profissionais e apoiadas financeiramente pela Liga, para este escalão? O futebol tem de ser repensado a nível nacional», afirmou Adriano Filipe.

Uma das imposições da FPF é a de as equipas viajarem para a Madeira através da agência Cosmos. Algo que contesta veementemente: «Se posso ter em Sintra uma agência que me faz determinado tipo de desconto, por que razão tenho de viajar na Cosmos? O lucro vai todo para a Federação.» O Sintrense ainda está à espera de receber os subsídios por parte da FPF referentes às mesmas deslocações. «A verba deveria ter sido depositada no mês seguinte a cada viagem e até hoje nada. Se a Associação de Futebol de Lisboa não nos tivesse emprestado o dinheiro não tínhamos condições para ir à Madeira», concluiu.



Adriano Filipe diz-se prejudicado por ser bom pagador